



ENTRE BRECHAS E PLATAFORMAS: IMPROVISACÃO TEATRAL E A ESCOLA PÚBLICA COMO CAMPO DE CRIAÇÃO

Matheus Ferreira Ferro¹

Programa de Pós-Graduação em Artes (PROFARTES) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Instituto de Artes – Campus São Paulo

A presente comunicação resulta de uma pesquisa em desenvolvimento no Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) e parte da prática como professor de Arte na escola pública. Mais do que apresentar um projeto estabilizado, o texto acompanha um deslocamento em curso: compreender o que acontece quando princípios oriundos das práticas teatrais, especialmente aqueles vinculados à improvisação, ao jogo e à composição coletiva, passam a orientar o ensino de Arte em diferentes linguagens no contexto da escola pública contemporânea.

Minha entrada na docência ocorre em um cenário marcado por intensas transformações no cotidiano escolar, atravessado por processos de platformização, padronização de conteúdos e crescente centralidade de materiais estruturados previamente. Nesse contexto, parte significativa do ensino de Arte passa a operar por roteiros, slides e sequências didáticas pré-formatadas que, ao mesmo tempo em que organizam o trabalho docente, tensionam sua autonomia criadora. Não se trata de negar sua relevância, mas de reconhecer sua ambivalência: tais materiais podem apoiar professores que atuam fora de sua área de formação específica, ao mesmo tempo em que podem reduzir a prática docente a uma lógica de reprodução.

É nesse intervalo entre suporte e prescrição que a pesquisa se situa. Interessa compreender como, mesmo nesse cenário, certos princípios das práticas teatrais permanecem operando no ensino de Arte como um todo. Em outras palavras, a questão que mobiliza esta investigação é: o que acontece quando modalidades lúdicas de improvisação

¹ Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrando no Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes (ProfArtes/UNESP), na linha de pesquisa Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Haddad Martins. Atua como professor de Arte na rede pública estadual de São Paulo. Desenvolve pesquisas nos campos da pedagogia do teatro e do ensino de teatro, com ênfase em processos de criação na Educação Básica. prof.matheusferro@gmail.com • <http://lattes.cnpq.br/0310829244081774>.



"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

teatral deixam de ser apenas conteúdos do teatro e passam a operar como princípios que atravessam o ensino de Arte em suas diferentes linguagens?

Essa questão emerge de uma experiência docente marcada pela necessidade de atuar em diferentes linguagens artísticas, na qual frequentemente há a condução de práticas em campos como as Artes Visuais, mesmo sem formação específica nessa área. Essa condição desloca a compreensão do ensino de Arte como justaposição de linguagens estanques, evidenciando-o como campo atravessado por princípios comuns de criação.

Importa observar que a condição descrita não é tomada aqui como defesa da polivalência enquanto modelo de formação ou organização do ensino de Arte. Ao contrário, a pesquisa reconhece a importância histórica das lutas do campo da Arte/Educação em torno do reconhecimento das especificidades das diferentes linguagens artísticas e da formação docente em suas respectivas áreas. O que interessa, neste trabalho, não é a diluição dessas especificidades, mas compreender como determinados princípios de criação podem circular entre linguagens distintas sem que elas deixem de preservar seus modos próprios de produzir conhecimento, experiência e poética. Nessa perspectiva, a articulação entre as linguagens artísticas aproxima-se mais de uma concepção interdisciplinar do que de uma lógica polivalente de ensino.

O teatro pode ser compreendido, aqui, como interface de procedimentos. Como sugere Maria Lúcia de Souza Barros Pupo, "o que é fundamental é ter princípios de trabalho que se incorporem em uma atuação própria e intransferível, em coerência com o contexto em pauta" (2010, p. 16). A formulação da autora permite pensar que determinados princípios não pertencem exclusivamente a uma única linguagem artística, mas podem ser reelaborados de acordo com os contextos em que são mobilizados. Assim, o interesse da pesquisa não recai sobre a transposição do teatro para outras linguagens, mas sobre a circulação de procedimentos que, ao serem apropriados em diferentes práticas artísticas, assumem configurações singulares.

Em atividades de Artes Visuais, jogos de criação, decisões coletivas e experimentações com materiais revelam uma dimensão improvisacional que não se identifica como teatro, mas que opera sob lógicas de abertura ao inesperado e construção no processo.



opae.com.br/





IGREJA DO CARMO, em Itu.
Pinturas internas do Frei
Jesuino do Monte Carmelo,
um artista negro do século XVIII

"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento"

dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu - SP - 2026

Essas operações já se materializam em experiências desenvolvidas no cotidiano escolar em questão, como na criação e colagem de lambe-lambes com estudantes nas aulas de Artes Visuais. Nessa prática, a produção coletiva, a escolha dos temas, a experimentação com imagens e a ocupação do espaço escolar deslocam a aula de uma lógica de reprodução para uma lógica de composição. O muro da escola, onde os lambes são afixados, deixa de superfície neutra e passa a funcionar como território de inscrição simbólica, no qual decisões estéticas e coletivas reorganizam a relação entre linguagem, autoria e espaço.

Esse movimento ocorre em um contexto escolar marcado por regimes de controle e mensuração contínua. A plataformização da educação não se limita ao uso de tecnologias digitais, mas constitui uma racionalidade que reorganiza o trabalho pedagógico a partir de indicadores, metas e padronizações. Como analisam Pimentel e Carvalho (2022), trata-se de uma lógica cibertecnista que automatiza processos educativos e reduz a centralidade da mediação docente.

É nesse cenário que a noção de brecha se torna central. Em vez de compreender a escola apenas como espaço de reprodução, interessa pensá-la como campo de fissuras no qual práticas artísticas instauram deslocamentos. Aproxima-se, aqui, da noção de escola como entrelugar formulada por Icicle e Bonatto (2017), segundo a qual a repetição dos rituais escolares contém também a potência da ruptura.

Mesmo práticas aparentemente triviais, como jogos improvisacionais, decisões coletivas ou intervenções visuais no espaço escolar, podem operar como deslocamentos micropolíticos no cotidiano escolar. Não se trata de atribuir à arte um papel salvacionista, mas de observar como ela reconfigura, ainda que parcialmente, modos de estar na escola.

Nesse ponto, a leitura de Édouard Glissant (2023) contribui para tensionar a ideia de escola como sistema homogêneo. Ao pensar o mundo como um conjunto de relações em constante movimento, e não como totalidade fechada, o autor oferece uma chave de leitura para compreender a escola como espaço de multiplicidade. Glissant afirma a necessidade de "aprender a paisagem", isto é, habitar o mundo sem fixá-lo em formas únicas ou totalizantes. A escola passa, assim, a ser entendida como campo atravessado por tensões, no qual práticas coexistem sem se estabilizar.

Realização:



opae.com.br/

Apoio:



Filiado a:





"De alpendres, talhas e gentes: Arte e Patrimônio como pertencimento" dias 16,17 e 18 de Julho

V CONOPAE • Congresso da Organização Paulista de Arte Educação

V CONGRESSO DA
OPAE
Itu • SP • 2026

A pesquisa se insere nesse movimento não como tentativa de afirmar um modelo pedagógico, mas como acompanhamento de processos em curso, observando como princípios da improvisação teatral atravessam o ensino de Arte em contextos marcados por forte racionalização do trabalho docente.

Mais do que responder a uma hipótese fechada, busca-se sustentar uma pergunta em aberto: o que se altera quando o ensino de Arte passa a ser atravessado por princípios improvisacionais que deslocam a lógica da previsão, da sequência fixa e da avaliação como centro da experiência pedagógica?

Palavras-chave: ensino de Arte; improvisação teatral; escola pública; plataformização da educação.

REFERÊNCIAS

BONATTO, M.; ICLE, G. Por uma Pedagogia Performativa: a escola como entrelugar para professores-performers e estudantes-performers. Cadernos Cedes, Campinas, v. 37, p. 07-28, 2017.

GLISSANT, Édouard; OBRIST, Hans Ulrich. Conversas do arquipélago. Tradução de Feiga Fizon. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2023.

PIMENTEL, Mariano.; CARVALHO, Felipe. Cibertecnicismo. Revista de Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 31, p. 1–22, jan./dez. 2022.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. Teatro e Educação Formal. In: Coradesqui, Glauber. (Org.). Teatro na Escola: Experiências e Olhares. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2010, p. 10-18.